



AS PLANTAS MEDICINAIS NO PANTANAL

Por: Marçal Henrique Amici Jorge

O Pantanal é um lugar único no planeta, onde há um esforço muito grande de se preservar a flora e sua distribuição/multiplicação. A vegetação da região é composta por espécies que variam conforme a topografia e os diferentes níveis de alagamento, criando-se assim ecossistemas únicos que podem ser identificados sobre lagoas permanentes e temporárias, lagoas salobras, campos cerrados, cordões arenosos e matas. Devido ao fato da flora do Pantanal ser caracterizada pela riqueza vegetal, a vegetação desta área é o principal recurso natural explorado pelo homem, como por exemplo, a exploração de plantas nativas com potencial medicinal. A espécie *Heteropterys aphrodisiaca* O. Mach., popularmente conhecida como “nó-de-cachorro”, usada para fins medicinais, como problemas de visão e disenteria, debilidades nervosas, doenças venéreas, e como afrodisíaco, não deixa de ser, juntamente com outras dezenas de espécies, um exemplo que se encontra vulnerável a esse tipo de prática. Como parte da cultura local, plantas com tal potencial medicinal já eram utilizadas no passado por índios da região como remédio para males.



Atualmente, como as demais espécies utilizadas para a chamada medicina popular, as plantas medicinais vêm sendo exploradas de forma extrativista e indiscriminada, carente em um controle eficaz conciliando exploração e preservação. Um fator agravante seria o crescimento deste público que tenta atender a demanda, que por sua vez também aumenta.

Para a Embrapa Pantanal, racionalizar esta exploração indiscriminada das espécies com potencial medicamentoso, seja ele comprovado ou não, resgatando espécies que seriam mais utilizadas por assentados e outros (no caso feirantes e comerciantes), seria uma medida alternativa extremamente importante para a exploração sustentável da vegetação do Pantanal. Esta racionalização seria caracterizada pela produção de mudas e sementes de tais espécies para suprir a demanda sem agredir a mata e, conseqüentemente, preservar espécies nativas que poderiam ser extintas simplesmente como resultado desta prática de exploração.

Logicamente, seria tarefa difícil mudar a consciência destas pessoas que por gerações têm atuado desta maneira. Um primeiro passo para que esta mudança ocorresse seria a criação de um banco de dados das espécies mais exploradas. Para isso, poder-se-ia adotar o modelo do diagnóstico participativo desenvolvido por pesquisadores da Embrapa Pantanal para a região. O segundo passo seria a conscientização deste pessoal para construir seu próprio campo de exploração, seja ele fundo de quintal, parcelas de assentamentos ou pequenas propriedades rurais. Pensando-se no sucesso deste programa educacional inicial, o próximo objetivo seria orientar e acompanhar estes novos produtores a produzirem plantas com qualidade, garantindo-se assim a existência e a preservação das espécies ameaçadas.

Em adição, um estudo paralelo, também coordenado por pesquisadores da Embrapa Pantanal, poderia ser criado e conduzido por alunos e/ou estagiários interessados nesse programa. Através de campos experimentais, visando um aumento de produção e produtividade, um programa de domesticação e cultivo das espécies com potencial medicinal poderia ser conduzido. Estes estudantes poderiam desenvolver técnicas que viriam incrementar a produção de mudas e sementes dessas espécies, garantindo-se assim a preservação deste ecossistema único existente na região oeste do Brasil.

Nos últimos anos, uma atenção especial tem sido dispensada à flora do Pantanal. Cabe à Embrapa Pantanal tomar a iniciativa de apoiar a exploração de maneira racional da biodiversidade destes ecossistemas específicos, garantindo-se assim a existência de uma relação harmoniosa entre exploração e preservação das espécies vegetais com potencial medicinal.

Marçal Henrique Amici Jorge (marcal@cpap.embrapa.br) – é pesquisador da **Embrapa Pantanal** (www.cpap.embrapa.br), Corumbá-MS, na área de Tecnologia de Sementes e Mudas.

ADM – Artigo de Divulgação na Mídia, Embrapa Pantanal, Corumbá-MS, n. 70, p.1-3. out. 2004.